



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA

PRESIDÊNCIA

DA REPÚBLICA

4. EDUCAÇÃO E CULTURA

FORTALEZA, 25 DE JUNHO DE 1965.

NA UNIVERSIDADE DO CEARA, DURANTE
A COMEMORAÇÃO DE SEU DECENIO DE FUN-
DAÇÃO.

São conhecidos os meus antigos vínculos de admiração com esta Universidade, cuja ascensão acompanho interessadamente desde os seus primeiros dias. Circunstância que acentuo para poder admitir, certamente com imodéstia, que o honroso título que hoje me conferis, e tanto me desvanece, não é dado apenas ao Presidente da República, mas também ao amigo que, por velha estima se sente integrado nesta Casa. Também não é de esquecer que a honraria se destina a um filho do Ceará, cujos sentimentos sempre estiveram irmanados com o dos seus coestaduanos e com os daqueles que organizaram esta grande instituição.

Em outra grata oportunidade tive ocasião de me referir ao grande papel que tendes desempenhado sob a orientação do vosso Magnifico Reitor, que tem sabido regionalizar a Universidade ao mesmo tempo em que a faz presente no plano nacional. Realmente importante é o que realizais em favor da cultura e da economia do Ceará, que aqui tem os meios adequados ao preparo da mocidade para as exigências da vida pública moderna. Nela é, sem dúvida, dia a dia maior a necessidade de conhecimentos técnicos e científicos, base do progresso e da prosperidade das sociedades contemporâneas. E a verdade é não haverdes vos descurado desses aspectos da vida cultural, que perdeu a sua feição clássica, apenas voltada para os deleites do espírito, e hoje se transforma num indispensável instrumento do bem-estar dos povos.

Nesse caminho tendes prosseguido com tenacidade. E foi justamente por haver acompanhado bem de perto as vossas beneméritas atividades que vos pude dizer, sem favor, que, na socie-

dade cearense, desempenhais a nobre missão de incontestável luzeiro. Bem podeis, pois, avaliar quais os sentimentos que me dominam ao ver-me tão generosamente recebido por uma instituição de que formo aquêlê conceito anteriormente expresso, e que o tempo tem apenas tornado mais arraigado. Sou, pois, muito agradecido ao ilustre corpo docente desta Universidade pela resolução de me chamar para seu membro honorário.

Mas, não apenas serei agradecido. Para corresponder à posição em que me colocais, considerando-me de hoje por diante um dos vossos, buscarei, na medida do possível, contribuir para que esta Universidade, já tão cheia de serviços ao Ceará e ao Brasil, torne dia a dia maior o seu acêrvo de iniciativas e realizações no campo da educação e da cultura. E nem é sem propósito que aqui emprego distintamente êstes dois vocábulos: educação e cultura, e pelos quais designamos o Ministério que deveria ser o órgão principal das atividades intelectuais do País. De fato, se muito há que fazer em matéria de educação, particularmente num País ainda em desenvolvimento, nem por isso há que descurar o campo da cultura pròpriamente dita.

Esta, mais tranqüila, talvez mais desinteressada, e sem imediata aplicação nos variados caminhos do progresso científico ou do enriquecimento das coletividades, nem por isso deixa de apresentar importante interêsse para a vida das sociedades, que aí encontram novas formas para desenvolverem predicados da inteligência. Nem poderíamos admitir que da vida intelectual de um povo desaparecesse o gôsto pela música, pelo teatro, ou pela pintura. Longe disso, nas suas variadas formas, escolas e tendências, cada qual dêsses departamentos da cultura costuma ter raízes bem mais antigas do que supomos. E representam a síntese da atividade ou educação de sucessivas gerações, cujos traços imperceptíveis, mas também indelêveis, acabam por propiciar a cada povo a sedimentação da sua cultura, que vamos encontrar tanto nas grandes manifestações artísticas quanto na espontaneidade da arte popular.

Sei que na multiplicidade dos vossos trabalhos não tem faltado lugar para êsses aprimoramentos da cultura, que alguns, infelizmente, consideram como prejuízo para tarefas de interêsse prá-

tico mais imediato. E isso como se, em última análise, educação e cultura, não acabassem por se confundir num mesmo ideal de aperfeiçoamento do espírito.

Mas, numa coletividade ainda na fase que atravessamos, a Universidade é, realmente, o grande celeiro da prosperidade nacional. E, para cada lado que nos voltamos, o que se nos depara é a necessidade de homens educados e preparados para as funções que lhes estão reservadas, e que serão tanto melhor desempenhadas quanto maior fôr o grau de conhecimentos especializados que possuam. E conhecimentos que sòmente a Universidade lhes poderá proporcionar. Quando o Ceará, por exemplo, se prepara para incentivar a industrialização, que lhe permite a energia de Paulo Afonso, também deverá dispor, ao lado da mão-de-obra especializada, cientistas, engenheiros e técnicos capazes de aqui implantarem um nôvo estágio social. Desde o social até a física e a matemática pura, tudo deverá estar presente no conjunto dos conhecimentos, sob pena de nos arriscarmos a um malôgro. Nada poderá ser pôsto de lado ou subestimado. Até porque a educação constitui um todo, do qual será impossível tocar-se alguma parte sem concomitantemente atingir a totalidade.

Daí a necessidade de organizarmos a armadura universitária do País, de tal sorte que possamos alcançar a distribuição de alunos e professôres pelos diversos setores, tornando-os participantes na formação da riqueza e estimulando-lhes as preocupações em relação às mudanças decorrentes de um nôvo estágio sócio-econômico. É, aliás, com êsse objetivo que o Govêrno prepara no momento o «Estatuto do Magistério Superior», que espera submeter em breve à apreciação do Congresso Nacional.

Máxime pela natureza das suas obrigações e pelos deveres que lhe são impostos no desempenho da alta missão que lhe é confiada pela sociedade, não pode o professor deixar de estar subordinado a normas que devem, necessariamente, ser diversas das que disciplinam as atividades dos servidores públicos em geral. Não que devam ser mais ou menos rigorosas; pois, na realidade, elas apenas precisam ser diferentes, a fim de atender peculiaridades e, ao mesmo tempo, amparar e estimular aquêles cuja vocação os conduz para o campo do magistério superior. Já vai longe o tem-

po em que, sem prejuízo para o ensino, ser professor de alguma de nossas faculdades representava, acima de tudo, um nobre título, espécie de cartão de visita a abrir portas para outras atividades. Hoje, cada vez mais se exige que o professor se cinja ao magistério. O que justifica dar-se-lhe vantagens e atrativos correspondentes, a fim de podermos convocar para o corpo docente das Universidades aquêles que forem, realmente, os mais capazes.

Outro campo que muito espera da Universidade é o da administração pública, cujos quadros precisam ser renovados e aperfeiçoados. Ninguém ignora os grandes males de que padece tradicionalmente a nossa administração, e entre os quais avulta uma errônea política do pessoal e um mecanismo excessivamente burocrático e centralizante. Aquela a decorrer, preponderantemente, da própria estrutura sócio-econômica do País, que gerou o clientelismo eleitoral, e hoje apresenta uma ativa concorrência do setor privado. E consequência desses males têm sido, em relação ao funcionalismo público, as leis de ocasião, o recrutamento assistencial, o despreparo funcional e também as graves distorções salariais.

Quanto à centralização, que sabemos excessiva, decorre, inclusive, das transformações sofridas pelo Estado, que passou de liberal abstencionista, para uma crescente participação nos mais variados setores da vida nacional. Vieram os grandes planejamentos econômicos, e os arrojados projetos pioneiros em atividades consideradas fundamentais ao desenvolvimento. O próprio Poder Executivo, como ocorreu em quase tôdas as nações, foi sobrecarregado com encargos novos. E isso ao mesmo tempo em que, dentro de uma tradição vinda do Império, e grandemente agravada pelo Estado Nôvo, o Presidente da República passou a ter em mãos a decisão de inúmeros problemas secundários, mas nem por isso menos penosos, quando somados às naturais responsabilidades da função.

Para dar nova e adequada orientação à vida do País, o Governo cogita de Reforma Administrativa, que deverá permitir uma eficaz descentralização. Contudo, não bastará a legislação. Ao lado desta será necessário que a administração encontre o elemento humano indispensável à renovação dos quadros, e que deverá sair das Universidades.

Bem vêdes, assim, que para qualquer dos campos da vida nacional que nos voltemos, por mais diversos que sejam, se nos depara a necessidade de apelarmos para as Universidades, solicitando-lhes que preparem a juventude brasileira para as grandes tarefas com que se terão de defrontar num país em pleno desenvolvimento, e, por isso, em plena transformação. Na realidade transformar o Brasil há de ser o trabalho de algumas gerações. Mas, elas somente lograrão fazê-lo em condições próprias se para tal estiverem habilitadas pela Universidade.

Ao finalizar estas palavras, que são o testemunho do meu reconhecimento pela honra que me outorgais, não devo esquecer que cumulastes a vossa gentileza fazendo coincidir esta solenidade com as festas que celebram o centenário de *Iracema*, romance que não somente immortaliza o seu autor, mas a sua própria terra natal.

Falando nesta Casa, que tem tão presente a figura e o exemplo de José de Alencar, não preciso recordar o nosso extraordinário e singular conterrâneo, no qual não sabemos o que mais louvar e admirar, se o gênio do romancista, ou a têmpera do lutador político, a quem os reveses, as incompreensões e as injustiças jamais entibiaram o ânimo. Nas letras e na política, êle conservaria a mesma grandeza de determinação, que recebera dos seus ilustres antepassados. Para as gerações de hoje, êle não é somente o escritor admirável, fundador de uma literatura autônoma, mas também o homem público fiel aos ideais que lhe inspiraram os passos na vida política do Brasil. Natural, portanto, que, para a intelectualidade cearense, sempre tão voltada para as grandes causas do Brasil, seja êle uma espécie de patrono, cujo exemplo o tempo torna cada vez maior.

Recebei, pois, Senhor Reitor e Senhores Professôres, o caloroso agradecimento de quem se sente profundamente honrado em poder sentar-se, daqui por diante, entre vós, e como um dos vossos.